ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO, GÊNERO E INTELECTUALIDADE FEMININA: UMA LEITURA DE A CIDADE DAS MULHERES DE CHRISTINE DE PIZAN

Joéliton Soares da Costa [1]

INTRODUÇÃO

Este artigo integra minha pesquisa de mestrado e tem como objetivo investigar como Christine de Pizan, no contexto do final da Idade Média, desenvolve concepções acerca das diferenças entre os sexos e questiona os discursos que fundamentavam a inferiorização das mulheres. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza teórica, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e orientado por uma abordagem qualitativa. A investigação tem como principal fonte a obra *A Cidade das Mulheres* (1405), de Christine de Pizan. Para tanto, são mobilizados referenciais da tradição filosófica medieval, especialmente Aristóteles e Tomás de Aquino, em diálogo com estudos contemporâneos sobre gênero e intelectualidade feminina. O percurso metodológico fundamenta-se na leitura analítica e interpretativa das fontes, mediante a identificação de conceitos, reconstrução de argumentos e estabelecimento de relações entre as perspectivas teóricas, com o propósito de compreender como Christine questiona os discursos que historicamente fundamentaram a inferiorização intelectual das mulheres.

Filha de Tommaso di Benvenuto da Pizano, astrólogo ligado a corte de Carlos V da França, Christine teve acesso a uma formação intelectual excepcional para as mulheres de sua época, desenvolvendo conhecimentos literários e filosóficos que lhe permitiram consolidar uma carreira como escritora profissional. Entre suas obras, destaca-se o livro *A Cidade das Mulheres* (1405), no qual, por meio de um diálogo alegórico com Razão, Retidão e Justiça, a autora confronta argumentos misóginos e reivindica o reconhecimento das capacidades intelectuais e morais femininas. Sua produção constitui, assim, uma intervenção crítica na cultura medieval, pois questiona a naturalização da inferioridade das mulheres e os fundamentos intelectuais que sustentavam sua exclusão. Para essa análise, serão empregados, de maneira criteriosa, conceitos contemporâneos,

[1] Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF/UFS). Bolsista CAPES. E-mail: joelitoncosta7@gmail.com

ISSN: 2358-8829

como gênero, patriarcado e misoginia, compreendidos como instrumentos interpretativos, sem atribuir à autora categorias teóricas que não pertenciam originalmente ao seu contexto histórico.

O diálogo alegórico de *A Cidade das Mulheres* é desencadeado pela contestação de uma tradição literária misógina, representada inicialmente pelas *Lamentações de Mateolo*, obra que veiculava representações depreciativas das mulheres. Ao entrar em contato com esse discurso, Christine, enquanto personagem de sua própria narrativa, confronta a força de argumentos que ameaçam sua confiança na dignidade feminina. É nesse cenário que surgem Razão, Retidão e Justiça, atribuindo-lhe a missão de edificar uma cidade simbólica capaz de preservar a memória e os feitos das mulheres, historicamente marginalizados por uma tradição intelectual predominantemente masculina. Essa construção adquire particular relevância quando considerada à luz das artes liberais, uma vez que a recuperação da capacidade intelectual feminina não se restringe à apresentação de exemplos de mulheres notáveis, mas envolve o reconhecimento de sua aptidão para os saberes que estruturavam a formação letrada medieval. Organizadas em *Trivium*, gramática, retórica e dialética, e *quadrivium*, aritmética, geometria, música e astronomia, as artes liberais constituíam um percurso formativo fundamental para o exercício do pensamento, a organização do discurso e a investigação racional. Nesse sentido, sua relação com o projeto intelectual de Christine é decisiva: ao apresentar mulheres que se destacaram na poesia, na filosofia e em outros campos do conhecimento, a autora confronta a ideia de que a exclusão feminina desses saberes decorreria de uma incapacidade natural.

Figuras como Proba, poetisa cristã, e Cornifícia, associada à tradição intelectual da Antiguidade, evidenciam a possibilidade de participação feminina na produção literária e erudita. A presença dessas mulheres permite compreender que as artes liberais não constituem apenas um conjunto de disciplinas, mas também um campo simbólico de disputa em torno de quem pode ser reconhecido como sujeito do conhecimento. Embora não se deva pressupor que todas as mulheres apresentadas por Christine tenham percorrido formalmente o currículo das sete artes liberais, seus feitos demonstram o domínio de capacidades intelectuais relacionadas a esse universo formativo. Além disso, as artes liberais podem ser compreendidas como uma preparação para estudos mais avançados, especialmente a filosofia e a teologia, bem como para o desenvolvimento da produção poética. Ao mobilizar exemplos de mulheres capazes de produzir, interpretar e

ISSN: 2358-8829

transmitir conhecimento, Christine tensiona os critérios tradicionais de autoridade intelectual e reivindica, ainda que não mediante um programa pedagógico sistemático, o reconhecimento da mulher como sujeito apto à formação e à atividade intelectual. Assim, *A Cidade das Mulheres* pode ser interpretada como uma intervenção crítica nos fundamentos culturais que regulavam o acesso ao saber: ao construir uma genealogia de mulheres intelectualmente virtuosas, Christine não apenas resgata suas contribuições, mas questiona a legitimidade de uma tradição que, ao restringir as oportunidades de formação feminina, convertia a desigualdade educacional em aparente prova de inferioridade natural.

A NATUREZA FEMININA E A CRÍTICA ÀS HIERARQUIAS DE GÊNERO NO PENSAMENTO DE CHRISTINE DE PIZAN

No livro *A Cidade das Mulheres* (2024), obra à qual Christine de Pizan tem por objetivo desenvolver uma fortaleza, que resguardará e defenderá a virtude feminina do ódio reverberado por homens que comumente ocupam o espaço canônico e tradicional do conhecimento em sua época. A obra *A Cidade das Mulheres* em seu sentido originário é uma releitura de *A Cidade de Deus* de Agostinho de Hipona, porém montada de modo a desenvolver uma compreensão que nos desloca para o campo antropológico e metafísico da constituição da intelectualidade humana.

Inicialmente cabe necessário alocar Christine de Pizan (1364–1430), em sua época e seu contexto social, político e intelectual. Dito isso, Christine, escritora e pensadora medieval, viveu em um período marcado por profundas transformações sociais, políticas e intelectuais na Europa. Nascida em Veneza e estabelecida na corte francesa ainda na infância, Christine teve acesso a uma formação intelectual favorecida pela posição de seu pai, Tommaso da Pizano, médico e conselheiro do rei Carlos V. Entretanto, após a morte do marido, em 1390, precisou assumir a responsabilidade pelo sustento de sua família, encontrando na escrita não apenas um meio de sobrevivência, mas também um espaço de autonomia intelectual em uma sociedade na qual a produção do conhecimento e a autoridade literária eram predominantemente masculinas.

No campo intelectual, a cultura medieval permanecia profundamente influenciada pela tradição aristotélica, pela teologia cristã e pela autoridade dos textos clássicos, frequentemente mobilizados para justificar concepções hierárquicas sobre a natureza e a

ISSN: 2358-8829

posição social das mulheres. Nesse cenário, Christine destacou-se por questionar a legitimidade de discursos que atribuíam às mulheres uma inferioridade natural, evidenciando que tais representações não poderiam ser aceitas sem um exame crítico de seus fundamentos. É nesse horizonte que sua produção adquire relevância filosófica e política. Ao participar da *Querelle des Femmes*,[2] debate acerca da natureza, da dignidade e da capacidade intelectual feminina, Christine não se limita a defender as mulheres contra-acusações misóginas: ela questiona os próprios critérios pelos quais essas acusações eram consideradas verdadeiras. Em obras como *A Cidade das Mulheres* (1405), a autora mobiliza argumentos racionais, exemplos históricos e construções alegóricas para demonstrar que a suposta inferioridade feminina não constitui uma verdade evidente da natureza, mas uma concepção sustentada e reproduzida por determinadas tradições discursivas.[3] No capítulo IX de *A Cidade das Mulheres* em um diálogo com a razão em meio a uma formulação argumentativa com base em argumentos teológico e antropológico a respeito da natureza, de modo a sustentar a perfeição feminina, Christine questiona a Razão sobre Cícero afirmar que o homem nunca deve servir a mulher, pois feito isso estaria o homem se rebaixando a uma matéria menos nobre, e a Razão lhe responde:

> O maior é aquele ou aquela que detém mais méritos. A superioridade ou a inferioridade de alguém não está no corpo, não atende ao seu sexo, mas na perfeição dos seus hábitos e qualidades. Feliz aquele que serve à Virgem, cuja perfeição ultrapassa a dos anjos (Christine, 2024, I, p.42)

Sua contribuição consiste, portanto, em transformar a defesa das mulheres em um problema de investigação intelectual, colocando em questão a autoridade do conhecimento quando este se fundamenta em generalizações e preconceitos. Desse modo, Christine de Pizan ocupa um lugar singular na história do pensamento medieval, pois, a partir dos instrumentos intelectuais de seu próprio tempo, abre um espaço de contestação das hierarquias de gênero e reivindica o reconhecimento da capacidade racional, moral e intelectual das mulheres.

---

[2] A chamada *Querela das Mulheres* (*Querelle des Femmes*) foi um amplo debate intelectual e literário iniciado no final da Idade Média, prolongando-se pelos séculos seguintes, sobre a natureza, o valor moral e a capacidade intelectual das mulheres. Autores e autoras discutiam se as mulheres deveriam ser consideradas inferiores ou iguais aos homens. Christine é reconhecida como uma das primeiras vozes femininas a intervir nesse debate, especialmente por meio de obras como *A Cidade das Mulheres*, na qual defende a dignidade e a racionalidade feminina frente às ideias misóginas predominantes.

[3] Ver: (Nascimento, 2026)

ISSN: 2358-8829

É esse ponto que nos conduz a duas direções pertinentes: em que consiste a hierarquia de gênero em Christine? Segundo: Seria o gênero um definidor da capacidade intelectual? Essas questões foram brevemente respondias com a passagem citada acima, a saber: *A Cidade das Mulheres*, I, capítulo c. IX, p.42. Porém responder a essas questões formulando os argumentos técnicos da autora não é uma tarefa fácil, principalmente ao se tratar do contexto o qual Christine está inserida, pois como é sabido uma de suas principais fontes é o Tomás de Aquino, assim como fica evidente no Livro da Visão, livro II. Todavia, numa perspectiva filosófica, ética e social, pouco avanço houve em comparação aos gregos, como pode ser verificado no pensamento de Agostinho de Hipona (354 - 430) e Tomás de Aquino (1225 – 1274): ambos entendem que a mulher é naturalmente inferior ao homem.[4] Christine refuta essa ideia sobre a condição natural da mulher baseando-se em argumento acerca da investigação da Natureza, assim como podemos constatar em Richards.[5]

A noção de feminino de Christine de Pizan que pretendemos pesquisar é complexa por duas razões. Primeiro, porque em alguma medida rompe com a visão de sua época e da tradição escolástico-aristotélica que entendiam que a mulher não só é um defeito da natureza, mas também é inferior ao homem. A segunda razão, por sua vez, refere-se à aproximação de discussões que temos contemporaneamente acerca da feminilidade, masculinidade e as diversas questões de gênero,[6] o que nos conduz a perguntar se uma

[4] Ver: Klapisch-zuber, 2006, p. 137-150.

[5] A obra de Christine de Pizan é permeada por uma contínua meditação sobre a natureza humana e as diferenças de gênero, e sua posição deve ser primeiramente compreendida em referência à discussão em curso sobre a essência na filosofia medieval tardia, particularmente tal como foi moldada pelas observações de Tomás de Aquino sobre a natureza humana e a humanidade no *De ente et essentia* (1256), sobre a 'produção da mulher' na *Summa Theologiae*, parte I, questão 92 (1267-73), e sobre a natureza da diferença específica entre espécies em seu comentário à *Metafísica* de Aristóteles (1272). A concepção de humanidade de Christine parece responder implicitamente a problemas no esquema tomista da essência humana. Influências tomistas são encontradas ao longo de seus escritos. Ela usou, por exemplo, o comentário dele sobre a *Metafísica* de Aristóteles em sua história de Carlos V [referência a *O Livro das ações e bons costumes do sábio rei Carlos V*]. A discussão de Christine no *O livro da mudança da Fortuna* sobre seu próprio nascimento e o processo de tornar-se mulher no ventre de sua mãe é fortemente influenciada pela tradição escolástica (embora de origem aristotélica) de que um embrião ideal reproduz a perfeição do macho, e Christine enfatiza o quanto, exceto em gênero, ela se assemelhava ao pai. Por esta razão, as observações de Tomás sobre as diferenças de gênero assumem uma relevância especial ao considerarmos a posição de Christine (Richards, 1996, p. 101).

[6] Como é sabido, Simone de Beauvoir na obra "*O Segundo Sexo*" se refere a Christine de Pizan várias vezes, considerando-a como uma precursora importante do feminismo. Beauvoir usa um trecho bastante consagrado da obra "*O livro da cidade das Mulheres*": "Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar da pena para defender o seu sexo; Christine de Pisan ataca vivamente os clérigos em *L'Épitre au Dieu d'amour*. Alguns clérigos, imediatamente, se levantam para defender Jean de Meung; mas Gerson, guarda-selos da universidade de Paris, apoia Christine; redige, em francês, seu tratado a fim de alcançar um público mais amplo. Martin le Franc joga no campo de batalha seu indigesto *Chaperon des dames*, que ainda é lido

ISSN: 2358-8829

escritora medieval pode ser considerada uma feminista.[7] Seja como for, os textos de Christine são filosóficos o suficiente para despertar nosso interesse de pesquisa, como, por exemplo, a relação que ela faz entre a ideia de ser humano nos domínio da metafísica e da política, o que, óbvio, nos auxilia a entender a função da mulher enquanto um ser ético que possui ações concretas na sociedade.

A trajetória intelectual de Christine de Pizan demonstra que sua atuação não se restringiu à reivindicação da racionalidade feminina; ela própria ocupou um espaço de produção e legitimação do conhecimento historicamente dominado pelos homens. Essa postura pode ser aproximada, em uma perspectiva contemporânea, da reflexão de Donna Haraway sobre a possibilidade de habitar criticamente as estruturas das quais se faz parte, intervindo em seus mecanismos de produção de saber e poder[8]. Embora essa aproximação não implique uma equivalência histórica entre as duas pensadoras, ela permite compreender a atuação de Christine como uma forma de intervenção crítica realizada no interior da própria tradição letrada medieval. Em uma sociedade na qual determinados discursos filosóficos e teológicos contribuíam para representar as mulheres como intelectualmente inferiores, Christine apropriou-se dos instrumentos da cultura escrita para contestar essas representações e recuperar a memória de mulheres cujas contribuições haviam sido negligenciadas.

Em *A Cidade das Mulheres*, essa estratégia manifesta-se na apresentação de figuras como Proba, poetisa cristã a quem a autora dedica o capítulo XXIX do Livro I, e Safo, descrita como mulher de grande engenho, poetisa e filósofa[9]. Ao mobilizar tais exemplos, Christine evidencia que a participação feminina na produção intelectual não constitui uma exceção incompatível com a natureza das mulheres, mas uma realidade histórica que contradiz as generalizações misóginas. Sua argumentação adquire maior relevância quando confrontada com determinadas concepções da tradição aristotélica,

---

duzentos anos depois. E Christine intervém de novo. Reclama principalmente que se permita às mulheres instruírem-se: "Se fosse costume pôr as meninas nas escolas e normalmente se lhes ensinassem as ciências como o fazem com os meninos, elas aprenderiam tão perfeitamente e entenderiam as sutilezas de todas as artes e ciências como eles entendem". (Beauvoir, *O Segundo Sexo*, p. 135). Antes dessa passagem, Beauvoir havia dito sobre Christine: "O êxito de Christine de Pisan é surpreendente: ainda assim foi preciso que fosse viúva e cheia de filhos para que se decidisse a ganhar a vida com a pena" (Idem, p. 133).

[7] Tal questão foi formulada e discutida de modo contundente por Ana Rieger Schmidt numa coluna Anpof (2023) sob o título "Pode uma escritora medieval ser feminista? Um desafio metodológico a partir de Christine de Pizan". ver: https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/pode-uma-escritora-medieval-ser-feminista-um-desafio-metodologico-a-partir-de-christine-de-pizan.

[8] Ver: Haraway, 2022.

[9] Christine, 2024, p. 87.

ISSN: 2358-8829

posteriormente retomadas e reelaboradas por Tomás de Aquino, nas quais as diferenças entre os sexos são discutidas no interior de uma compreensão hierárquica da natureza. Em Aristóteles, especialmente em *Geração dos Animais*[10], encontram-se formulações que associam o feminino a uma condição de desenvolvimento natural inferior em determinados aspectos; Tomás de Aquino, por sua vez, incorpora e reformula parte desse legado no âmbito de sua antropologia filosófica e teológica. Entretanto, é necessário distinguir as posições específicas de cada pensador, evitando reduzir seus sistemas a uma única doutrina homogênea. Nesse contexto, a intervenção de Christine consiste em questionar a legitimidade de transformar diferenças sexuais em justificativas generalizadas para a inferiorização intelectual das mulheres. Ao recuperar mulheres reconhecidas por suas capacidades poéticas, filosóficas e eruditas, a autora não apenas contesta os discursos que as desqualificam, mas também reivindica para elas um lugar na história da produção do conhecimento, demonstrando que a autoridade intelectual não pode ser legitimamente determinada por preconceitos acerca do sexo.

CHRISTINE DE PIZAN E O RECONHECIMENTO DA MULHER COMO SUJEITO DO SABER

Apropriando-se do recurso metodológico com um estudo de natureza teórica, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e orientado por uma abordagem qualitativa. Possibilitou-se a um aprofundamento teórico na obra *A Cidade Das Mulheres*, decorrente disso assim como pressupõe a natureza dessa metodologia que é: a análise do material bibliográfico conduzido por meio de leitura analítica e interpretativa, com identificação dos conceitos centrais, reconstrução dos argumentos e estabelecimento de relações entre as perspectivas teóricas mobilizadas. Esse procedimento permite examinar aproximações, divergências e possíveis tensões conceituais entre os autores, evitando que a investigação se limite à descrição ou à reprodução de suas ideias. Destarte, observa-se que Christine ao recuperar algumas referências femininas como objeto de reafirmação de sua natureza intelectual, contrapõe-se a uma estrutura socialmente construída por uma perspectiva machista.

Toda a obra possui uma estrutura construída por meio de uma escrita alegórica, na qual a autora desenvolve um diálogo com as personificações da Razão, Retidão e

[10] Aristóteles, 2021.

ISSN: 2358-8829

Justiça. As quais atribuíram-lhe a tarefa de consolidar uma história na qual a mulher desempenha um papel para além das atividades socialmente pré-determinadas para ela. Desse modo, dentre as ilustres mulheres recuperadas por Christine, com o objetivo de desempenhar essa grande tarefa a qual lhe foi atribuída, destaca-se a figura de mulheres como Cornifícia, Proba e Safo. Nesse primeiro momento as passagens as quais Christine retrata a figura dessas mulheres são de grande importância para compreendermos a relação da intelectualidade feminina e a educação. A própria figura de Christine é de grande relevância equiparada a sua contemporaneidade, no início do capítulo I do livro I, ao descrever suas atividades cotidiana, ela descreve a figura de sua personagem enquanto dominante das artes liberais, essa passagem é de suma importância, pois percebe-se que as artes liberais estão ligadas a um conjunto de intelectualidade propriamente feminino, por exemplo no capitulo XXX ao falar de Safo a autora a relaciona com as artes liberais, assim também ocorre com a Cornifícia essa que por sinal é a única mulher ser chamada de filósofa, e em certa medida também foi relacionada com o domínio das artes liberais. Aparentemente as artes liberais e as atividades intelectuais feminina possui uma proximidade, essa que possua vez na educação formal da idade média precedia os estudos das ciências mais avançadas, o que nos leva a questão de as artes liberais por um bom tempo esteve vinculada ao exercício das ciências mais maduras como é o caso da filosofia e da poética. Dito de outro modo, no século XV, as artes liberais constituem de uma propedêutica para se ater aos estudos avançados das ciências.

Christine, por sua vez, elabora uma compreensão ontológica do ser feminino distinta da tradição, pois, para ela, as mulheres possuem uma natureza intrinsecamente boa, quer dizer, enquanto ser humano a essência da fêmea humana não pode ser definida pela falta, como é possível observar em Aristóteles, mas pela plenitude do ser criado: “A superioridade ou a inferioridade de alguém não está no corpo, não atende ao sexo, mas na perfeição dos seus hábitos e qualidades.”[11] E mediante a essa passagem podemos fazer um grande ressalve quando ela determina que a superioridade de alguém não está no sexo, nem mesmo no corpo, mas sim em seus hábitos, e por hábitos entendemos em modo geral como a repetição constante de um comportamento causado por mecanismos que podem ser de gênero físico, fisiológico, biológico ou social[12]. E Christine ao propor que a

[11] Christine, 2024 c. 9.
[12] Ver: Abbagnano, 2020

ISSN: 2358-8829

inferioridade de alguém atribuísse aos seus hábitos, ela afirma também a interferência da sociedade na vida de uma pessoa.

No capítulo XXVII Christine atribui explicitamente, a responsabilidade do desenvolvimento intelectual e das concepções misóginas que atingem as mulheres, quando por meio de um diálogo alegórico com a dama Razão, questiona a dama o porquê de as mentes das mulheres serem capazes de aprender e conceituar assim como as dos homens, mesmo assim elas não aprendem mais. A dama reponde prontamente de modo a transferir uma questão até então atribuída a natureza, para uma questão social.

> "Minha Senhora, se a sua mente é capaz de aprender e conceituar como a dos homens, por que as mulheres não apendem mais?" "Minha folha", respondeu-me, "porque a sociedade não precisa que elas se ocupem dos assuntos dos homens, e basta-lhes cumprir com as tarefas que lhe forem encarregadas (Christine, 2024, I, c. 27, p. 83).

A concepção de que as mulheres seriam naturalmente incapazes de desempenhar atividades que exigissem o mesmo grau de complexidade intelectual atribuído aos homens é contestada por Christine, que evidencia o caráter socialmente construído dessa suposta inferioridade, revelando os interesses e preconceitos que sustentam tal concepção. É importante reconhecer, contudo, que as reflexões aqui apresentadas não esgotam a complexidade e a amplitude do tema. Essa delimitação decorre, sobretudo, de dois fatores: a extensão reduzida deste artigo e o próprio estágio de desenvolvimento da pesquisa, que ainda se encontra em fase inicial de investigação. Ainda assim, espera-se que esta escrita tenha contribuído para evidenciar a relevância do pensamento de Christine para a história do conhecimento e para a reflexão sobre a capacidade intelectual humana. Sua contribuição ultrapassa a reivindicação do reconhecimento intelectual das mulheres, alcançando também os homens, uma vez que sua obra oferece a todos nós a possibilidade de revisitar criticamente conhecimentos, concepções e valores historicamente consolidados. Ao construir alegoricamente *A Cidade das Mulheres*, Christine não apenas recupera e legitima a presença das mulheres na história do saber, mas também confronta os discursos misóginos que procuraram justificar sua exclusão. Nesse sentido, seu legado não representa uma conquista restrita às mulheres: constitui um enriquecimento do próprio pensamento humano, ao ampliar os horizontes da reflexão filosófica e questionar os limites impostos pelo preconceito.

Palavras-chave: Educação; Intelectualidade, Mulher, Natureza.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

ARISTÓTELES. **Geração dos animais**. Tradução: Maria de Fátima Sousa e Silva. Introdução e notas: Maria de Fátima Sousa e Silva e Jorge Paiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHRISTINE DE PIZAN. **A cidade das mulheres**. Tradução: Jorge Henrique Bastos. São Paulo: Editora 34, 2024.

HARAWAY, Donna J. Habitar a barriga do monstro. *In*: DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SALDANHA, Rafael (org.). **Os mil nomes de Gaia**: do Antropoceno à Idade da Terra. Rio de Janeiro: Machado Editora, 2022.

NASCIMENTO, Luana de Souza. Metafísica, psicologia e feminino em Christine de Pizan. **DoisPontos**, Curitiba, v. 23, n. 1, p. 77-94, 2026.

RICHARDS, E. J. Rejecting essentialism and gendered writing: the case of Christine de Pizan. *In*: CHANCE, J. (ed.). **Gender and text in the Later Middle Ages**. Gainesville: University Press of Florida, 1996. p. 96-131.

SCHMIDT, Ana Rieger. Pode uma escritora medieval ser feminista? Um desafio metodológico a partir de Christine de Pizan. **Coluna ANPOF**, [S. l.], 2023. Disponível em: https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/pode-uma-escritora-medieval-ser-feminista-um-desafio-metodologico-a-partir-de-christine-de-pizan. Acesso em: 9 nov. 2026.